

Nilton Soares Formiga

Universidade Federal da Paraíba - UFPB
nsformiga@yahoo.com

Alicia Graciela Omar

Universidad Nacional de Rosario - UNR
Argentina
agomar@arnet.com.ar

Juan Diego Vaamonde

Universidad Nacional de Rosario - UNR
Argentina
juandvaamonde@yahoo.com.ar

ATITUDES FRENTE AOS GRUPOS MINORITÁRIOS EM BRASILEIROS

Análise fatorial confirmatória e modelagem de equação estrutural

RESUMO

Em muitos países o preconceito se reflete como estivesse controlado; mas, situações contraditórias, tais como, as disparidades nos indicadores sócio-econômicos das minorias, formação cultural etc., mostram o preconceito assumindo formas de expressão mais sutis. Neste estudo pretende-se avaliar, a partir da modelagem de equação estrutural, a escala de atitudes frente aos grupos minoritários Instrumento desenvolvido por Formiga et al. (2005) é constituído por 10 itens para avaliar cada grupo minoritário (mulher, negro e homossexual), originando dois fatores: atitude preconceituosa positiva e negativa. 205 sujeitos, homens e mulheres, entre 16 e 62 anos, da população geral na cidade de João Pessoa-PB compuseram este estudo. A partir do programa AMOS GRAFICS 7.0 os indicadores de bondade de ajuste aceito na literatura vigente confirmou a existência dos dois fatores, de acordo com o encontrado no estudo exploratório desenvolvido pelos autores supracitados anteriormente.

Palavras-Chave: preconceito; ambivalência; minorias sociais.

ABSTRACT

In many countries the prejudice is reflected as to be controlled; but in different situations, such as, disparities in socio-economic minorities, cultural formation etc, show the prejudice in forms of expression more subtle. This study aims to evaluate, from the structural equation modeling, the scale of attitudes towards minority groups. The instrument developed by Formiga et al. (2005), consists of 10 items to evaluate each minority group (women, black people and homosexual), resulting in two factors: attitude positive and negative of prejudice. 210 people, men and women, between 16 and 62 years old, general population in the city of João Pessoa-PB (Brazil) composed this study. From the program AMOS GRAFICS 7.0, the indicators of goodness of fit accepted in current literature has confirmed the existence of two factors, according to the findings in the exploratory study did by these authors before.

Keywords: prejudice; ambivalence; social minority group.

Anhanguera Educacional S.A.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 2000
Valinhos, São Paulo
CEP 13.278-181
rc.ipade@unianhanguera.edu.br

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original
Recebido em: 31/8/2009
Avaliado em: 13/6/2010

Publicação: 8 de setembro de 2010

1. INTRODUÇÃO

O que se têm escrito sobre o preconceito e as variáveis que o influenciam parece não ter apresentado soluções concretas a respeito desse fenômeno; apesar de ser legalmente proibido tal fenômeno ocorre nas mais variadas práticas sociais do cotidiano, por exemplo: relações interpessoais, política, econômica, educacional, etc. Essa situação tem tornado o preconceito um problema complexo quanto a sua origem e manutenção.

Porém, em dois aspectos, parece existir um consenso: 1 - que é um fenômeno multideterminado e 2 - manifesta mudanças no seu modo de expressão no contexto da sociedade atual (BIERNAT et al., 1996; GÓMEZ; HUICI, 2001; NAVAS, 1998) empregando termos teóricos que se opõem a concepção do preconceito tradicional já concebido por Allport (1954), por exemplo: Racismo Simbólico ou Moderno (McONAHAY; HOUGH, 1976); Racismo Aversivo (GAERTNER; DOVIDIO, 1977); Racismo Ambivalente (KATZ; HASS, 1986) e Preconceito Sutil (PETTIGREW; MEERTENS, 1995). Estas etiquetas procuram expressar a idéia de que a discriminação aberta, a qual remete as crenças quanto à inferioridade do grupo minoritário e a distância social para com os membros deste grupo tem sido substituída por formas mais sutis e camufladas no tratamento discriminatório (FORMIGA, 2004).

Atualmente, os estudos sobre o preconceito tem se preocupado em desvendar as formas sutis de tratamento interpessoal, reproduzindo atitudes e comportamentos sociais sem desafiar as normas de desejabilidade social (FORMIGA et al., 2005). É possível observar que essas formas mutáveis do preconceito na sociedade contemporânea, a qual influenciada por normas sociais carregadas com grito de justiça e direitos igualitários revelam uma espécie de combate psicossocial no qual apenas o sujeito troca de camuflagem na expressão atitudinal ou do discurso na sua interação social. Estudos com ênfase teórica e metodológica têm sido desenvolvidos (ver, por exemplo, CAMINO et al., 2001; LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002; MARTINEZ, 1996; VASCONCELOS et al., 2005) procurando contribuir na explicação da dinâmica da manutenção do preconceito nas relações interpessoais.

A problemática do preconceito é algo que merece sempre ser estudada, seja ele direcionado aos negros, às mulheres, aos homossexuais, ou qualquer outro grupo social. Estudá-lo, porém, merece cuidado dado ao fato de sua complexidade, influenciado por variáveis individuais, sociais e até sócio-estruturais (LIMA; PEREIRA, 2004). Este fenômeno tem seguido uma diversidade interpretativa, no que se refere nos estudos sobre ele, a respeito da sua manutenção, tanto teórica quanto metodológica, o que tem

permitido uma melhor compreensão de sua existência, e mais, da sua nova manifestação. Considerando os variados grupos minoritário alvo de estudos na sociedade brasileira, em relação aos homossexuais, mulheres e negros, é possível acompanhar no cotidiano diversas expressões de preconceito, seja de forma direta ou indireta. Diante dessa perspectiva, algo parece ser bem claro, apesar desses grupos serem instalados em uma categoria discriminatória, o preconceito frente a esses grupos parece se estruturar da mesma maneira: em sua forma sutil e tradicional.

Independente da categoria social que se dê a esses grupos discriminados, bem como, justifique os porquês dessa condição, o que alarma é a falta de respeito e direitos humanos, convergindo para outras dimensões expressivas do preconceito, por exemplo, o exagero religioso, o nacionalismo, a diferenciação entre o gênero, o condição desviante dada ao homossexualismo, etc., caracterizando uma espécie de “ódio”, que não se refere a luta de classes, mas, a supervalorização a próprio grupo e desvalorização ao outro (TAJFEL, 1981). O preconceito vai se formando, por vezes sem “intenção”, numa condição polimorfa, surgindo desde gestos, xingamentos ou chistes discriminatórios a agressão a minoria (RODRIGUEZ, 2002).

Apesar da diversidade desses grupos que sofre o preconceito no Brasil, o presente estudo, pretende avaliar três grupos minoritários - negros, homossexuais e mulheres - devido ao seguinte motivo: recentemente, Formiga et al. (2005) desenvolveram um estudo nesta direção; esses autores avaliaram, a partir de uma análise exploratória, uma escala de atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários, na qual apresentavam dez itens (por exemplo, afeto, simpatia, cordialidade, ódio, hostilidade, desagrado, etc.) e pediam aos sujeitos que respondesse numa escala de seis pontos (0 = Nunca a 5= Sempre) o quando eles se apresentavam, em frequência, cada um dos itens em relação aos grupos sociais que sofrem discriminação (ao negro, mulher e homossexual). Efetuando uma análise dos componentes principais (PC), destacaram-se dois fatores, com *eigenvalue* superior a 1,00, explicando em seu conjunto mais de 50% da variância total, para os três grupos sociais discriminados, destacando assim as Atitudes Preconceituosas Negativas e Atitudes Preconceituosas Positivas.

Apesar de se encontrar, no estudo de Formiga et al. (2005), garantia em sua consistência interna, bem como, na correlação item-fator e entre os fatores; ao se considerar a Análise Fatorial Exploratória (AFE) - dos principais componentes - existe um inconveniente: esta análise pauta-se estritamente nos dados obtidos não considerando um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes e muito menos têm o poder de apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo. Estas

técnicas têm a clara vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresenta indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada. Com isso, o objetivo do presente estudo trata-se de avaliar de forma mais robusta, a partir de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e a análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM) efetuado a partir do *AMOS GRAFICS*, versão 7.0, a escala de atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários (negros, mulheres e homossexuais), para os quais espera-se encontrar os mesmos fatores já observados no estudo exploratório.

2. MÉTODO

2.1. Amostra

Participaram da pesquisa 205 sujeitos do sexo masculino e feminino da população geral da cidade de João Pessoa - PB com idades variando de 16 a 20 anos. Esta amostra foi não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois foram consideradas as pessoas que, consultadas, dispôs-se a colaborar respondendo o questionário apresentado.

2.2. Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Escala de atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários

Elaborada por Formiga et al. (2005), é composta por dez itens (por exemplo, afeto, simpatia, cordialidade, ódio, hostilidade, desagrado etc.) caracterizando atitudes com relação a grupos minoritários: negros, mulheres e homossexuais. Os sujeitos deveriam responder numa escala de seis pontos (0 = Nunca a 5= Sempre), do tipo *Liket*, a respeito da frequência com que eles apresentam cada item em relação a grupos sociais que sofrem discriminação, isto é, ao negro, mulher e homossexual. A partir de uma análise dos Componentes Principais (PC), esses autores observaram a existência de dois fatores: Atitudes Preconceituosas Negativas e Atitudes Preconceituosas Positivas para cada grupo social; estes fatores apresentaram, de maneira geral, Alfas de Chronbach (α) acima de 0,70 ao se mensurar para cada grupo.

Caracterização Sócio-Demográfica

Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, com a finalidade de caracterizar os participantes do estudo, onde foram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil etc.).

2.3. Procedimento e análise de dados

Para a aplicação do instrumento, inicialmente os responsáveis pela coleta dos dados, devidamente treinados, abordaram as pessoas na rua da cidade, falando diretamente com eles procurando obter sua autorização para responderem o questionário. Uma vez autorizado, os pesquisadores apresentaram sumariamente os objetivos da pesquisa, solicitando a participação voluntária dos transeuntes. Os pesquisadores estiveram sempre presentes no local em que as pessoas respondiam o questionário, a tarefa consistiu, além de apresentar os instrumentos, solucionar as eventuais dúvidas e conferir a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes. Assegurou-se a todos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas seriam tratadas estatisticamente no seu conjunto. Todos os participantes responderam o questionário individualmente, sendo 15 o tempo médio necessário para o total preenchimento do mesmo.

Quanto a análise dos dados, tomando com base o estudo exploratório desenvolvido por Formiga et al. (2005), realizou-se uma análise fatorial confirmatória, pretendendo testar a adequação do modelo multidimensional já encontrada. Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador *Maximum Likelihood* (ML).

Este tipo de análise estatística é mais criterioso e rigoroso do que o anterior – Principais Componentes (PC) - utilizado no primeiro estudo (FORMIGA et al., 2005); isto permite testar diretamente uma estrutura teórica a que se propõem neste estudo. Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (BILICH; SILVA; RAMOS; 2006; BYRNE, 1989; HAIR et al., 2005; KELLOWAY, 1998; TABACHNICK; FIDELL, 1996; VAN DE VIJVER; LEUNG, 1997), por exemplo:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; quanto maior este valor pior o ajustamento. Este tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.
- O *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI) são análogos ao R^2 em regressão múltipla. Portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Estes variam de 0 a 1, com valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superior, indicando um

ajustamento satisfatório (HAIR et al., 2005; BILICH; SILVA; RAMOS, 2006).

- *Normed Fit Index* (NFI) Caracteriza-se por ser uma medida de comparação entre o modelo proposto e o modelo nulo, representando um ajuste incremental; varia de zero a um e pode ser considerado aceitável para valores superiores a 0,90 (BILICH; SILVA; RAMOS, 2006).
- *Tucker-Lewis Index* (TLI) - apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de zero a um, com índice aceitável acima de 0,90 (BILICH; SILVA; RAMOS, 2006).
- A *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores de até 0,10 (GARSON, 2003; KELLOWAY, 1998).
- O *Expected Cross-Validation Index* (ECVI) e o *Consistent Akaike Information Criterion* (CAIC) são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do ECVI e CAIC expressam o modelo com melhor ajuste.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando a análise exploratória - componentes principais - realizada por Formiga et al. (2005), a partir da qual se identificou dois fatores para cada escala das atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários (especificamente, negros, mulheres e homossexual), onde para todos os três grupos observou-se: um fator considerado como Atitudes Preconceituosas Positivas (por exemplo, Simpatia; Afeto; Aceitação; Admiração; Cordialidade) e outro fator, Atitudes Preconceituosas Negativas (por exemplo, Indiferença; Hostilidade; Desagrado; Hostilidade; Desagrado; Rejeição) todos com alfas acima de 0,70.

Com base no estudo desses autores, procurou-se no presente estudo avaliar, com mais rigor e critério psicométrico, a mesma escala. Empregando o pacote estatístico AMOS 7.0 e realizando uma análise fatorial confirmatória, hipotetizou-se tanto o modelo bifatorial encontrado por Formiga et al. (2005) quanto ao modelo alternativo (por exemplo, o modelo unifatorial) em relação ao modelo já proposto. Visando a adequabilidade da escala, reavaliou-se a estrutura fatorial encontra pelos autores supracitados comparando a estrutura testada em relação ao modelo alternativo.

Desta forma, procurou-se testar a estrutura fatorial da escala das atitudes preconceituosas frente aos grupos minoritários considerando o Modelo 1: unifatorial, em que todos os itens das atitudes preconceituosas apresentam saturação em um único fator e

o Modelo 2: neste optou-se em avaliar a estrutura com dois fatores, a qual foi proposta teoricamente e que se esperada encontrar.

Neste caso, para a escala das atitudes preconceituosas frente aos negros optou-se por deixar livre as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores. Os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo se mostraram próximas as recomendações apresentadas na literatura (BYRNE, 1989; TABACHNICK; FIDELL, 1996; VAN DE VIJVER; LEUNG, 1997). De acordo com os resultados obtidos nestas análises, observados na Tabela 1, é possível destacar que o melhor modelo para a escala das atitudes preconceituosas frente aos negros foi o modelo bifatorial, destacando os seguintes indicadores de qualidade de ajuste: χ^2/gl (29,05/30) = 0,97; $p < 0,51$; $GFI = 0,97$; $AGFI = 0,94$; $NFI = 0,95$; $TLI = 0,99$; $RMSEA$ (90%IC) = 0,01 (0,00-0,05); $CAIC = 184,56$ e $ECVI = 0,43$ (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Comparação dos modelos da estrutura fatorial da escala das atitudes preconceituosas frente aos negros.

Modelos	χ^2	gl	χ^2/gl	GFI	AGFI	NFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Unifatorial	158,17	35	4,51	0,83	0,73	0,77	0,75	0,14 (0,11-0,16)	282,58	1,08
Bifatorial	29,05	30	0,97	0,97	0,94	0,94	0,99	0,01 (0,00-0,05)	184,56	0,43

Na Figura 1 é apresentada a estrutura fatorial resultante (solução padronizada) dessa análise. Como é possível observar nesta figura, que todas as saturações (Lambdas, λ) estão dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$), corroborando os dois fatores da Escala das atitudes preconceituosas frente aos negros.

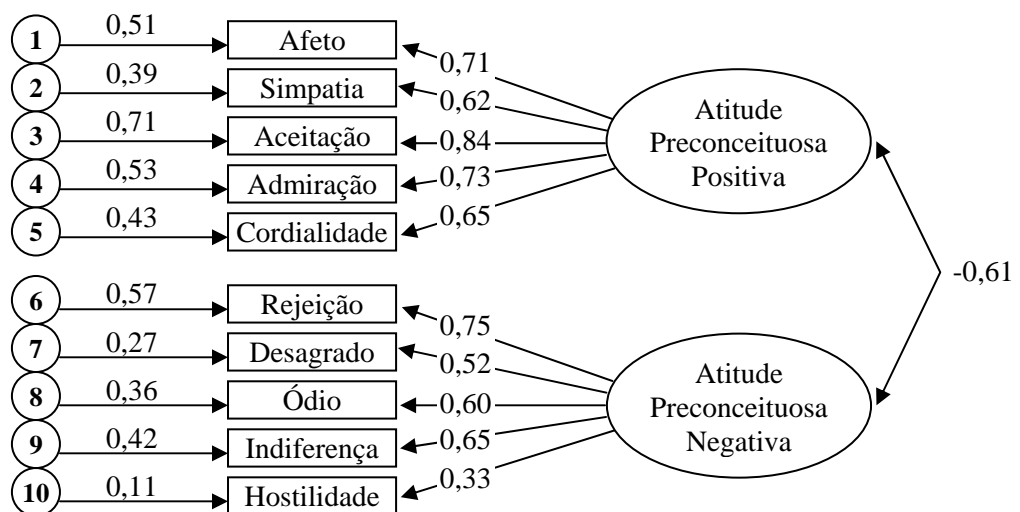


Figura 1 – Estrutura Fatorial da Escala das atitudes preconceituosas frente aos negros.

Em relação à escala das atitudes preconceituosas frente ao homossexual, realizou-se o mesmo procedimento, deixando livre as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores. Os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo estiveram próximos as recomendações na literatura atual (BYRNE, 1989; TABACHNICK; FIDELL, 1996; VAN DE VIJVER; LEUNG, 1997). Os resultados obtidos nestas análises, observados na Tabela 2, destaca que o melhor modelo para a escala das atitudes preconceituosas frente ao homossexual, também, foi o modelo bifatorial, destacando os seguintes indicadores de qualidade de ajuste: χ^2/gl (27,43/25) = 1,10; $p < 0,34$; $GFI = 0,97$; $AGFI = 0,93$; $NFI = 0,98$; $TLI = 0,99$; $RMSEA$ (90%IC) = 0,02 (0,01-0,06); $CAIC = 214,04$ e $ECVI = 0,47$ (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Comparação dos modelos da estrutura fatorial da escala das atitudes preconceituosas frente ao homossexual.

Modelos	χ^2	gl	χ^2/gl	GFI	AGFI	NFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Unifatorial	203,55	35	5,82	0,79	0,68	0,76	0,73	0,16 (0,14-0,18)	327,96	1,32
Bifatorial	27,43	25	1,10	0,97	0,93	0,98	0,99	0,02 (0,01-0,06)	214,04	0,47

Na Figura 2 é apresentada a estrutura fatorial resultante (solução padronizada) dessa análise. Como é possível observar nesta figura, que todas as saturações (Lambdas, λ) estão dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$), corroborando os dois fatores da Escala das atitudes preconceituosas frente ao homossexual.

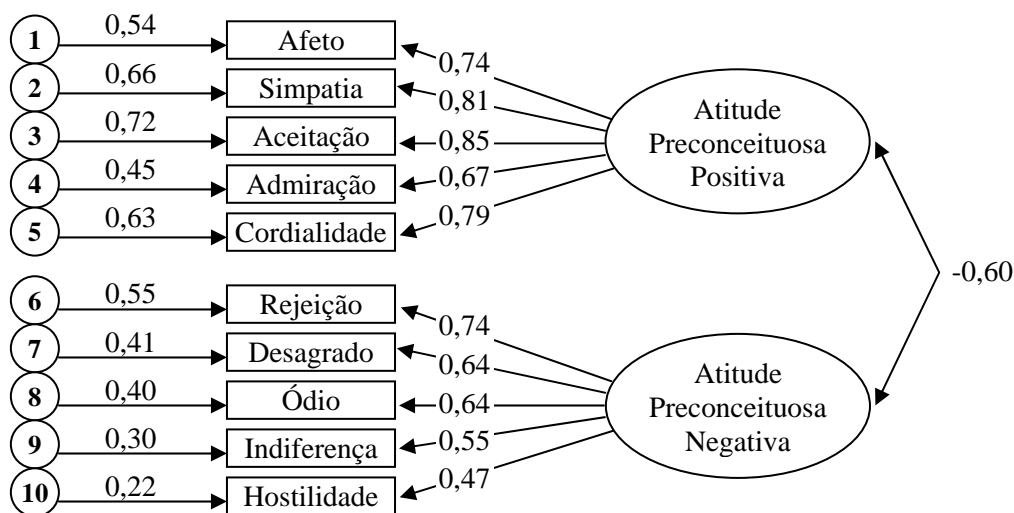


Figura 2 – Estrutura Fatorial da Escala das atitudes preconceituosas frente ao homossexual.

Em relação à escala das atitudes preconceituosas frente as mulheres, partindo do mesmo procedimento estatístico realizado para as escalas anteriores e optando-se por deixar livre as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores, os indicadores de qualidade de ajuste de cada modelo seguiram as recomendações da literatura atual (BYRNE, 1989; TABACHNICK; FIDELL, 1996; VAN DE VIJVER; LEUNG, 1997). Os resultados obtidos nestas análises, observados na Tabela 3, destaca que o melhor modelo para a escala das atitudes preconceituosas frente as mulheres foi o modelo bifatorial, com os seguintes indicadores de qualidade de ajuste: χ^2/gl (31,36/27) = 1,16; $p < 0,26$; $GFI = 0,97$; $AGFI = 0,93$; $NFI = 0,94$; $TLI = 0,98$; $RMSEA$ (90%IC) = 0,03 (0,02-0,07); $CAIC = 205,53$ e $ECVI = 0,48$ (ver Tabela 3).

Tabela 3 – Comparação dos modelos da estrutura fatorial da escala das atitudes preconceituosas frente as mulheres.

Modelos	χ^2	gl	χ^2/gl	GFI	AGFI	NFI	TLI	RMSEA	CAIC	ECVI
Unifatorial	167,45	35	4,78	0,81	0,70	0,67	0,64	0,14 (0,12-0,17)	291,86	1,13
Bifatorial	31,63	27	1,16	0,97	0,93	0,94	0,98	0,03 (0,02-0,07)	205,53	0,48

Na Figura 3 é apresentada a estrutura fatorial resultante (solução padronizada) dessa análise. Como é possível observar nesta figura, que todas as saturações (Lambdas, λ) estão dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação. Além disso, todas são estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$), corroborando os dois fatores da Escala das atitudes preconceituosas frente as mulheres.

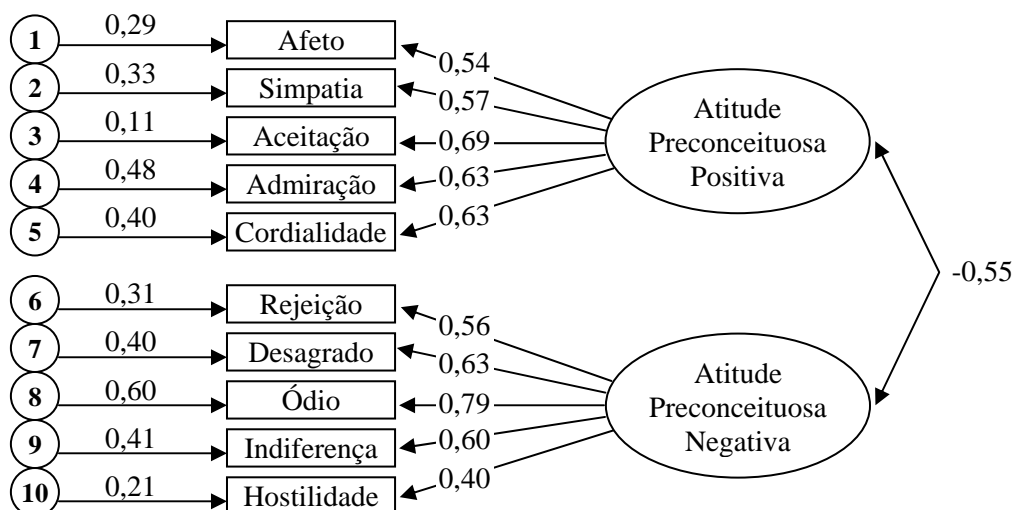


Figura 3 – Estrutura Fatorial da Escala das atitudes preconceituosas frente às mulheres.

Ao considerar esses resultados, os objetivos deste estudo foram alcançados; não somente se comprova a estrutura da Escala de Atitudes Preconceituosas frente aos grupos

minoritários, a qual permaneceu na sua bidimensionalidade apresentada no estudo pioneiro de Formiga et al. (2005), bem como os indicadores de ajuste, revelaram maior robustez na consistência do modelo proposto. Assim, este construto expressa as atitudes afetivas, positiva e negativa, preconceituosas em relação aos grupos de negros, mulheres e homossexuais. É necessário chamar a atenção para os escores negativos entre os fatores observados, isto é, na existência de uma dessas atitudes, possivelmente, a outra atitude discriminatória em relação aos grupos minoritários se afastará. Apesar de considerar uma perspectiva de menor gravidade, pois, parece que ao se investir nas atitudes discriminatórias positivas, provavelmente, poderá inibir a atitude preconceituosa negativa.

Apesar de entender que à existência das atitudes preconceituosas positivas podem trazer um benefício - afinal, é bem melhor que seja inibido qualquer as atitudes negativas do preconceito, pois elas poderiam decorrer nas formas mais violentas desse fenômeno (MYERS, 2000) - elas não devem ser tomadas como o único benefício; é necessário administrá-las com muito cuidado, pois, tem-se acompanhado inúmeras formas novas do preconceito que merece atenção para não vir a substituir uma forma pela outra e atrapalhar as relações interpessoais entre os grupos, ocorrendo uma ambivalência na manifestação frente a eles, permitindo achar que os grupos discriminados já têm muito direito, conseguiram muito espaço, etc., estruturando assim, um preconceito camuflado.

Nesse sentido, a escala utilizada apresenta indicadores psicométricos aceitos pela literatura vigente corroborando a sua utilização em amostras brasileiras; contudo, negar a necessidade de replicabilidade em diferentes contextos sócio-econômicos nos País seria uma grande falha. Embora válidos e pertinentes, os resultados obtidos não se prestam a generalizações; ainda, um aspecto deveras importante a se destacar é que as atitudes aqui buscam enfatizar a dimensão afetiva, isto é, a atração ou inclinação do sujeito frente a esses grupos sociais.

Assim, a atitude positiva pode ser compreendida como uma avaliação real e sem dúvidas, visando o envolvimento, quanto a atitude negativa aponta para separação ou afastamento, em que o sujeito prefere não participar ou envolver-se com os membros do grupo. Pode-se compreender a primeira como um preconceito sutil e camuflado e a segunda como tradicional e rígido, o qual deve ser inibido. O instrumento em questão apresentou uma estrutura fatorial clara, sendo observados dois fatores para a aferição com relação aos negros, as mulheres e aos homossexuais se comprovando a robustez da escala. Ademais, apresenta-se como ponto positivo o fato da validação ter sido realizada com uma amostra que contemplou pessoas da população geral na cidade João Pessoa, seguinte

semelhante critério realizado por Formiga et al. (2005), em uma cidade do norte do País. Vale destacar que o instrumento considerado nesse estudo, bem como, a comprovação da organização dos itens em fatores e sua consistência interna, não permitirão acabar com as atitudes discriminatórias, mas, pelos menos, oferecerá base para conhecer a extensão do problema e antecipar conseqüências vindouras, o que o se faz útil nos estudos que tratem da questão do preconceito frente aos grupos minoritários, já que poucos são os instrumentos nesta perspectiva.

Por fim, ao considerar esses resultados o que parece ter mudado é a qualidade das formas de expressar o preconceito, pois se observa que, com relação à quantidade, não houve redução na intensidade desse fenômeno, já que os dois fatores se repetiram, de forma mais consistentes, quando comparados com o primeiro estudo (FORMIGA et al., 2005); provavelmente, em função de novas práticas institucionais que pregam a exclusão de atos discriminatórios, é possível que as novas formas – a sutil - dessa manifestação sejam mantidas (FORMIGA; GOUVEIA; SANTOS, 2002; NAVAS, 1998).

Estes resultados, e destaque a analogia enfatiza por Munanga (2002) quanto ao preconceito no Brasil ser um problema semelhante a um *Iciberg*; vimos apenas a ponta dele, representadas nas práticas discriminatórias a partir dos comportamentos sociais e individuais, porém, a parte submersa ainda não temos noção da extensão dela, as quais poderíamos salientar como sendo as manifestações encobertas e sutis desse fenômeno preconceito. Em análises recentes acerca de algumas considerações sobre as pesquisas que tratam destes temas, é apontado que, em geral, o preconceito e sua manifestação (por exemplo, a prontidão para o contato social) têm proposto conclusões generalizadas que desconsideram os motivos e interesses particulares de cada grupo na situação de suposto conflito intergrupais (GOUVEIA et al., 2004). Por exemplo, Gómez e Huici (1999; FORMIGA, 2004; 2007; FORMIGA; ARAUJO; CAVALCANTE, 2007), tratando da questão de intervir nos valores para modificar o nível de preconceito em direção a exogrupos consideram que não existe uma estratégia única a seguir: determinadas condições que podem ser mais favoráveis para melhorar as relações intergrupais dependem das características dos grupos em questão (por exemplo, se é mais ou menos aberto às mudanças de atitudes com relação ao exogrupo, ou se é menos propenso a estereotipar). Os aspectos abordados neste estudo, aponta-se para questões de importância no âmbito da Psicologia Social, visando complementar discussões às análises da complexa trama social em que estão inseridas as pessoas e suas relações concretas e subjetivas.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G.W. **The nature of prejudice**. New York-US: Addison-Wesley Publishing, 1954.
- BIERNAT, M.; VESCIO, T.K.; THENO, S.A.; CRANDALL, C.S. Values and prejudice: Toward understanding the impact of American values and outgroup attitudes. In: SELIGMAN, C.; OLSON, J.M.; SANNA, M.P. (Ed.). **The psychology of values: the Ontario Symposium**. v. 8. Mahwah-US: Lawrence Erlbaum Associates, 1996. p. 153-189.
- BYRNE, B.M. **A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models**. New York-US: Springer-Verlag, 1989.
- CAMINO, L.; SILVA, P.; MACHADO, A.; PEREIRA, C. A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. **Revista de Psicologia Política**, v. 1, n. 1, p. 13-36, 2001.
- FARIAS, S.A.; SANTOS, R.C. Modelagem de equações estruturais e satisfação do consumidor: Uma investigação teórica e prática. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 4, n. 3, p.107-132, 2000.
- FORMIGA, N.S. As bases normativas do sexismo ambivalente: a sutileza do preconceito frente as mulheres à luz dos valores humanos básicos. In: LIMA, Marcus E.O.; PERREIRA, Marcos E. (Org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: Editora UFBA, 2004. p. 259-276.
- FORMIGA, N.S. Valores humanos e sexismo ambivalente. **Revista do Departamento de Psicologia (UFF)**, v. 19, p. 381-396, 2007.
- FORMIGA, N.S.; ARAUJO, T.T.V.; CAVALCANTE, C.P.S. A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, p. 56-67, 2007.
- FORMIGA, N.S.; GOUVEIA, V.V.; SANTOS, M.N. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. **Psicologia Em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 103-111, 2002.
- FORMIGA, N.S.; VASCONCELOS, T.C.; JOCA, E.C.; SARAIVA, C.P. As atitudes frente aos grupos minoritários: um estudo em termos das formas sutis do preconceito. **Barbarói**, v. 22/23, n. 1, p. 1-20, 2005.
- GAERTNER, S.L.; DOVIDIO, J.F. The subtlety of white racism, arousal and helping behavior. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 35, p. 691-707, 1977.
- GARSON, G.D. **PA 765 Statnotes: an online textbook**. 2003. Disponível em: <<http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>>. Acesso em: 17 maio 2005.
- GÓMEZ, A.; HUICI, C. Valores y reducción del prejuicio. In: ROS, M.; GOUVEIA, V.V. (Orgs.). **Psicología social de los valores humanos: avances teóricos, metodológicos y aplicados**. Madrid-ES: Alianza Editorial, 1999. p. 219-237.
- GOUVEIA, V.V.; GUERRA, V.M.; MARTINEZ, M.C.; PATERNA, C. O individualismo e o coletivismo como explicadores do preconceito frente aos negros. In: LIMA, Marcus E.O.; PERREIRA, Marcos E. (Org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: Perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: Editora UFBA, 2004. p. 161-182.
- HAIR, J.F.; TATHAM, R.L.; ANDERSON, R.E.; BLACK, W. **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- KATZ, I.; HASS, R.G. Racial ambivalence and American value conflict: correlational and priming studies of three cognitive structures. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 2, p. 23-45, 1986.
- KELLOWAY, E.K. **Using LISREL for structural equation modeling: a researcher's guide**. Thousand Oaks-US: Sage Publications, 1998.
- LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das Representações Sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 1, n. 15, p. 165-178, 2002.

- LIMA, M.E.O.; PEREIRA, M.E. **Estereótipos, preconceitos e discriminação**: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: Editora UFBA, 2004.
- MARTÍNEZ, M.C.M. **Análisis psicosocial del prejuicio**. Madri-ES: Editorial Síntesis, 1996.
- McCONAHAY, J.B. Modern racism and modern discrimination: the effects of race, racial attitudes and context on simulated hiring decisions. **Pers Soc Psychol Bull**, v. 9, n. 4, p. 551-558, dez. 1983.
- McCONAHAY, J.B.; HOUGH JR., J.C. Symbolic Racism. **Journal of Social Issues**, v.32, n. 2, p. 23-45. 1976.
- MUNANGA, K. Prefácio. In: CARONE, I.; BENTO, M.A.S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo**: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-11.
- MYERS, D.J. Preconceito: o ódio ao próximo. In: _____. (Ed.). **Psicologia social**. Rio de Janeiro: LTC. 2000. p. 181-206.
- NAVAS, M.S. Nuevos instrumentos de medida para el Nuevo racismo. **Revista de Psicología Social**, n. 13, p. 223-239, 1998.
- PETTIGREW, T.F.; MEERTENS, R.W. Subtle and blatant prejudice in western Europe. **European Journal of Social Psychology**, n. 25, p. 57-75, 1995.
- RODRIGUES; A.K. El racismo del miedo y el miedo del racismo. **Revista eletrónica iberoamericana de psicología social**, v. 1, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.pisco.uniovi.es/REIPS/v1n2/articulo1.html>>. Acesso em: 20 ago. 2005.
- TABACHNICK, B.G.; FIDEL, L.S. **Using multivariate statistics**. New York-US: Harper Collins, 1996.
- TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais**: estudos em Psicologia Social. Lisboa-PT: Livros Horizonte, 1981.
- VAN DE VIJVER, F.; LEUNG, K. **Methods and data analysis for cross-cultural research**. Thousand Oaks-US: Sage Publications. 1997.
- VASCONCELOS, T.C.; GOUVEIA, V.V.; SOUZA FILHO, M.L.; SOUSA, D.M.F.; JESUS, G.R. Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. **Psico-USF**, v. 9, n. 2, p. 147-154, jul./dez. 2004.
- VERA, J.J.; MARTÍNEZ, M.C. Preferencias de valores en relación con los Prejuicios hacia exogrupos. **Anales de Psicología**, n. 10, p. 29-40. 1994.

Nilton Soares Formiga

Concluiu a graduação em Psicologia no Centro Universitário de João Pessoa em 2000 e em 2002 o mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente, é doutorando na Universidade Federal da Paraíba, na pós-graduação em Psicologia Social. Atua na área de Psicologia, com ênfase em Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo. Participou de cursos como formação complementar sobre os temas: família e escola; avaliação acadêmica; relação interpessoal e sala de aula; tecnologias educacionais.

Alicia Graciela Omar

Graduação em Licenciatura En Psicologia pela Universidad Nacional de Cuyo (1974), graduação em Profesora de Enseñanza Secundaria Normal y Especial pela Universidad Nacional de San Luis (1975) e doutorada em Psicologia pela Universidad

Nacional de San Luis (1983). Atualmente é Pesquisadora científica do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas. Atuando principalmente nos seguintes temas: Personalidad, Diferencial semántico, Teoría de Eysenck.

Juan Diego Vaamonde

Graduado em Psicologia pela Universidade Nacional de Rosário, na qual é professor; atualmente doutorando na mesma universidade, bolsista do Conselho Nacional de Investigación Científica e Técnica.